



TUMULO DE ZOBEDA.

Sendo a mais rica das divisões governadas pelos sátrapas que compunham o grande imperio dos persas, era a Babylonia a menos extensa; dava-se-lhe tambem o nome de Chaldea, posto que só pertencesse, propriamente fallando, á parte situada da banda do golpho persico; chamavam-lhe igualmente planicie de Sennaar denominação com que é designada na Escriptura Santa, que estabelece n'esta localidade a dispersão do genero humano para as differentes regiões da terra. A Babylonia era limitada a leste pela Susiana, ao sul pelo Golpho Persico, e a oeste pela Arabia deserta e a Mesopotamia. O Euphrates, hoje Moratson, regava-a em todo o seu comprimento, e os babylonios tinham aberto muitos canaes que o faziam communicar com o Tigre, com o qual, não obstante isso, vae confluír mais abaixo e perto de Rorna, formando ambos um só rio, que é chamado Chat-el-Arab.

A Babylonia cessando de pertencer nos tempos modernos ao imperio persa, faz parte da Turquia asiatica e da provincia denominada paiz de Irak; e actualmente os seus limites são o Kurdistan e o Al-Djereh ao norte, a Persia ao occidente, o golpho persico a sueste e o grande deserto da Arabia ao sul e poente.

A historia de Babylonia é a dos tempos primitivos do genero humano, commemorados nos livros santos. A cidade de Babylonia foi capital d'um dos mais poderosos e por certo do mais antigo dos imperios do mundo. Antonio de Sousa de Macedo, um dos nossos escriptores de mais copiosa erudição, assim

a descreve, epilogando o que disseram sobre o assumpto os auctores de mais remota data.

«Babylonia, fundada por Nemrod (1) na torre de Babel, de uma e outra parte do Euphrates, em figura quadrada por mais forte, tinha ambito de mais do 60:000 passos, ou 180 estadios, que fazem largas dez leguas, cercada com muros de ladrilho, e certo betume mais duravel que pedra, de altura de mais de 200 pés e de largo de mais de 30; davam por cima passeio a seis carroças emparelhadas; sustentavam no mais alto os pensiles, arcos e abobadas sobre que estavam hortas e jardins com muitas fontes e grandes arvores, e debaixo delles muitas casas com moradores; serviam-se aquelles muros por cem grandes postigos com portas de metal e tinham 250 torres de 60 covados de alto, escusando-se mais torres pelas muitas lagoas que a faziam inexpugnavel, eram cercados com fosso de agua, tão fundo e largo como um bom rio. Tinha muitas e formosas pontes: a que dava passo de uma para a outra parte da cidade sobre o mais estreito do Euphrates, que a partia, era de 600 passos, sobre pilares de pedra em distancia de 12 pés com talhamares fortissimos, as pedras travadas com barras de ferro chumbadas; tinha 30 pés de largo e parece que não tinha arcos, de abobada, mas vigas de palma e cypreste. Em cada porta d'esta ponte estava uma torre altissima; e ao comprido pelos lados do rio se defendia a cidade das correntes delle com fortes muralhas: as bocas das ruas

(1) EVAE AVE. cap. 19.ª da 1.ª part.



que saião ao rio se cerravam com portas de bronze. O alcaçar ou paço tinha uma legua em circuito; e sobre elle estava um formoso templo. Outro templo havia em que estava uma grande estatua de Jupiter Belo, toda de ouro, e outras riquezas inestimaveis: este seria o que Herodoto refere que ainda persistia em seu tempo, com portas de metal e que tinha dois estadios em quadrado e que no meio se levantava uma torre de ambito e outro tanto de alto, e sobre aquella outra, e sobre esta outra, e assim outras até o numero de oito, e que até todas se subia por escadas que tinham pela parte de fora, e no meio das escadas havia aposentos para descansarem os que subiam. Era finalmente Babilônia um dos sete milagres do mundo tão celebrados, em cuja obra, principiada pela rainha Semiramis, trabalharam annos 300 mil homens. Tal fortaleza parecia bastante para não ceder aos seculos; mas, tudo o tempo consumiu, porque de tudo triumphou, excepta a virtude; só deixou uma pequena cidade, que mostrasse a campanha onde teve a victoria.»

Se nestes numeros e fabrica ha exaggeração, como é provavel, assim a legaram aos vindouros os historiadores gregos e outros. É certo que as construcções das eras mais remotas, nas terras berço da civilização e das artes, sobrepujam muito em vastidão e colossal estructura a todas as obras das gerações posteriores, como ainda attestam soberbas ruinas e claros vestigios, havendo algumas, como as famigeradas pyramides que ainda affrontam o correr dos seculos, e inentem assombro a quem as contempla, custando a conceber como naquellas epochas se poderam erigir tão immensas e estupendas moles.

Mais de dois mil annos antes da vinda de Christo, com pouco mais ou menos depois do diluvio, Nemrod, filho de Chus, neto de Cham, bisneto de Noé, fundou em Babilonia o primeiro imperio dos assyrios. Foi Nemrod, como se lê na Biblia (1), *robustó caçador*, e começou a fazer-se poderoso na terra; exercitando a mocidade na caça, imagem da guerra, preparava cohortes ageis e aguerridas, aptas a favorecerem seus ambiciosos projectos; veio, pois a ser grande conquistador, e segundo todas as apparencias o primeiro e o mais antigo de quantos tem aspirado a esse nome. O reinado de seus successores velou-se de impenetravel obscuridade até á reunião de Babilonia e Ninive. Assur, tronco dos assyrios, tinha fundado esta ultima cidade sobre o Tigre, a pouca distancia donde hoje existe Moussoul. Belo, descendente seu, conquistou a Mesopotamia e a terra de Senaar e essehoreou-se de Babilonia; por sua morte recebeu as honras da apotheose e veio a ser a ovidade tutelar dos babilonios. Nino, filho de Belo, conquistou a Susiana, a Persia, a Media, a Hyrcania e a Bactriana; força foi dos destinos deste principe ver a sua gloria eclipsada por uma mulher que tirou de classe pobre para eleva-la á magestade do solio, e que retribuiu os beneficios com a mais atroz ingratição.

Semiramis envenenou o marido, segundo a versão da pluralidade dos historiadores; a epocha do seu reinado é incerta, com tudo, segundo a melhor chronologia fixa-se em dezenove seculos antes da era vulgar. Nino, assediando a cidade de Bactres, viu que falhavam todos os esforços; porem, Semiramis, mulher de um de seus principaes officiaes, natural de Ascalon na Syria, lhe ministrou os meios de atacar e tomar a cidadella, e depois a cidade onde achou

abundantissimos thesouros. Nino apaixonou-se perdidamente por Semiramis, e o marido desta, atemorizado pelas terriveis ameaças do rei matou-se. Semiramis foi rainha de Babilonia, e pela morte de Nino occupou o solio; d'ahi por diante só tratou de mostrar-se digna da altura a que subira, cobrindo a baixeza do seu nascimento pela ousadia de suas emprezas: aformoseou Babilonia, engrandeceu o imperio pelas conquistas, levou as suas armas ao Egypto, á Ethyopia, á Lybia e alem do Indo, protegeu as artes e as sciencias, tanto que ao seu reinado remontam os principaes descobrimentos astronomicos dos chaldeus. O animo varonil de Semiramis não teve imitador em seu filho Nynias, indolente, effeminado, e entregue a vicios vergonhosos, como o foram depois seus successores por espaço de três gerações até á separação de Ninive da Babilonia, e continuando n'esta uma serie de reis igualmente obscuros, alguns dos quaes nomeados nos livros sagrados, e acabando em Nabonid ou Labinet (o Balthazar da Escriptura), epocha em que Babilonia caiu em poder de Cyro. Os persas dominadores a destruíram á porfia e a obra da devastação foi consumada pelo tempo, e pelos povos barbaros que sobrevieram.

Ha pouco annos os antiquarios se tem dado á investigação das ruinas de Babilonia e de Ninive. O caracter da architectura babilonica consiste principalmente nas dimensões colossaes; porem, nada ha completo nos fragmentos dispersos por uma planicie vastissima, assento da capital do imperio, nem ali se encontram monumentos funerarios de remotas datas; na Persia é que se encontram tumulos de origem e estylo babilonico, e destes merece citar-se o mausoleu de Zobeida (quer dizer *flor das damas*) prima-coirmã e unica mulher legitima do celebrado calipha Haroun-al-Raschid, a qual morreu no anno de 831 e é tida por fundadora da cidade de Tauris. O monumento vê-se ainda no meio de um espaçoso cemiterio nos arredores de Bagdad; é um edificio octogono, de dois pavimentos, coroado por um corpo de forma conica, revestido de uma especie de escamas e datado dos primeiros annos do seculo nono.

M.

## VIAGEM AO MINHO.

(Continuação.)

## CAPITULO XIV.

Partida para o Riba-Douro. — Valongo e Ponte Ferreira. A estalagem de Baltar. — Historia maravilhosa de uma cesteleta. — Como os ministros deviam ser obrigados a viajar no seu paiz.

Por uma esplendida manhã do mez de setembro montámos a cavallo e partimos direitos ao alto do Bomfim. O meu cavallo era um hespanhol de raça pura que tinha pertencido a um contrabandista; o soberbo animal parecia encantado por se ver livre da monotonia da cidade e aspirava estrepitosamente o cheiro agreste dos campos, que lhe traziam talvez á memoria o paiz natal. Fitando as orelhas, e medindo com avidez o horisonte queria a cada momento lançar-se á carreira, e obrigava-me a levar a mão firme na redea para lhe moderar os impetos. Não sei que singular sympathia nos tinha unido desde que nos encontráramos a primeira vez! Quando o examinei para tratar do ajuste conservou-se gravemente n'uma posição elegante, de cabeça levantada, e cheio

(1) Genesis, cap. 10, v. 8 e 9.



de orgulho como se tivesse a consciencia do seu merecimento. Concluido o negocio, e vendo-me satisfeito da analyse a que o tinha submetido, no momento em que lhe passei a mão pelas clinas para o affagar, abaixou a cabeça e cravando em mim os seus olhos ardentes encostou no meu hombro as ventas afogueadas; depois escarvou a terra e retomou a sua nobre attitude. Reconhecia-me por seu senhor, e manifestava-me a impaciencia de mostrar quanto valia, para justificar a honra que eu lhe fizera de o distinguir entre muitos. Desse dia em diante ficámo-nos entendendo; a sua vida identificou-se por assim dizer com a minha. Compreendia-me, advinhava os meus desejos, e lisongeava-se cada vez que eu lhe dirigia a palavra. Quando o largava na corrida, sentindo outro a seu lado, o intelligente animal parecia que se espedaçava! qualquer pequena vantagem do seu adversario fazia-o estremecer, enfurecer-se, e o seu galope certo e precipitado mostrava o ardor e o interesse que elle tomava na luta. Se alguma vez fosse vencido, estou certo que o veria rebentar. Eu entendia o seu orgulho do mesmo modo que elle entendia o meu quando nos appareciam rivales; n'essas occasiões não havia cavallo nem cavalleiro; havia uma só alma e uma só vontade em dois corpos que voavam juntos. O cavallo levava o cavalleiro, o cavalleiro levava o cavallo! — Devo-lhe a vida, como se verá mais adiante, e paguei-lhe abandonando-o a um alquilador! Desde que ha homens ha ingratição! Se o pobre animal vivesse ainda e me tornasse a ver, logo me reconheceria e havia de esquecer-se da barbaridade com que o vendi a um tyranno, depois de me ter servido tão bem! Não me justifico; arrependo-me da minha ingratição, mas o mal é sem remedio por que já não existe aquelle meu excellente e fiel amigo! oxalá que a sua sombra viva em paz nos felizes territorios das eternas pastagens, onde nunca lhe falte o verde e nenhum desalmado o cavalgue!

Ao meu lado ia o meu amigo F. de S. Mesquita montado em um cavallo de raça portugueza mas bom corredor tambem: seguia-nos um creado a cavallo n'um animal cosmopolita. Era um cavallo sem patria certa a quem tinham posto a piedosa alcunha de « Martyr. » O epitheto seria mil vezes mais bem cabido nos que tivessem a infelicidade de o cavalgar. A cada passo o sr. martyr armava uma pendencia com os machos das padeiras que vinham para o Porto, e tinha-mos de parar para acomodar a desordem, e punir severamente a turbulenta cavalgada. Em uma d'essas bulhas o creado caiu, e o cavallo partiu a trote largo para a banda da cidade, levando á garupa a nossa mala. Perdi a paciencia, e parti a todo o galope sobre o fugitivo. Tomando-lhe a dianteira não me custou a fazer-lhe comprehender, por meio do meu chicote, que o camuho era para outro lado. O creado tornou a montar e arranjando conforme poudo uma espóca de piteira, conseguiu d'ahi em diante conter o martyr nos limites da prudencia.

A estrada começada havia pouco tempo (1) era magnifica. Os campos cobertos de verdura e matizados de flores perfumavam a aragem da manhã que nós aspiravamos com delicias. De distancia a distancia encontram-se lindas casas de campo engastadas no meio de copados arvoredos. Ao longe vêem-se os pinheiros, com o seu verde melancholico, encrustando-se nas nuvens; uma paisagem deliciosa,

um ceu bellissimo; sente-se que estamos no Minho, n'este jardim onde é eterna a primavera. Mas não é d'aqui que se pode ver melhor o lado pintoresco da provincia; lá chegaremos.

Vejo surgir no horisonte a torre negra da igreja de Valongo; eu te saúdo minha conhecida de ha seis annos! — Seis annos! como o tempo corre depressa para os que vivem mais pelo coração do que pela cabeça! Ha seis annos que do alto d'aquella torre eu espreeitei muitas horas para a estrada do Porto a vinda dos inimigos (2). Então havia n'estas ruas, agora pacificas, uma multidão immensa que se agitava, que gritava, que vociferava; que morria de fome, de sede e de cansaço; que abandonara a familia, e a casa em que nascera, que deixava os seus campos incultos, que destruiu os alheios, e que não trabalhava porque pelejava! Multidão de fanaticos e loucos para os quaes as lições da experiencia não aproveitam quasi nunca! E eu era desses taes!..... Tristes desenganos me tem demonstrado que só nessa epocha da minha vida fui poeta: poeta das turbas, aquecido na praça publica pelo sopro ardente das revoluções, inspirado pelo enthusiasmo d'essa palavra sonora, que se chama — liberdade — mas poeta porque sonhava acordado. Vieram depois os annos de prosa, e o poeta não foi plantar batatas com os seus companheiros de.... gloria porque não tinha de seu nem um palmo de terra!...

Mandemos passear as recordações das minhas campanhas militares, e façamos de conta que as não conhecemos se as tornarmos a encontrar no caminho.

Valongo é uma terra que nada tem de notavel senão as suas immensas fabricas de pão, que, juntamente com as de Avintes, abastecem quasi a cidade. A villa é pequena, mas tem alguns predios de boa apparencia. Os homens são geralmente feios; quanto ás mulheres modifiquei a opinião que tinha da sua belleza depois que as observei melhor nos balcões das padarias, supponho que se escolhem as mais bonitas para levar o pão ao mercado do Porto. Se assim não é peço perdão as suas familias da minha desconfiança.

Pouco adiante de Valongo acabou-se a estrada nova e começamos a caminhar por entre pinhaes. O terreno é mais accidentado; encontram-se montes que somos obrigados a atravessar obrigando os nossos cavallos a fazer habilidades de mpcacos para se não despenharem. Os pobres animaes obram prodigios de destreza! Ha sitios em que se não vê signal de caminho. Atravessamos valias, fossos, barrancos, matagaes de carqueja e de urze. Levamos o credo na boca, e os cavallos tremem como varas verdes. Animo! esta é a estrada real de Amarante. Deixamos Ponte Ferreira pensando nas memorias gloriosas de outras eras, e pasmando de como os homens desse tempo se atreviam a combater em terrenos semelhantes. Ou eram homens de outra tempera ou o paiz mudou de aspecto. Em fim chegamos a Baltar.

Não é minha intenção fazer deste livro uma descripção topografica, administrativa, civil ou judiciaria; por isso, e tambem por ignorancia, confesso que não sei se Baltar é logar, aldeia, ou villa. Se estivesse na minha mão faria aqui uma cidade para recompensar a minha estalajadeira do zelo com que me tratou, e do elogio que fez ao meu cavallo. A terra é agradável e pintoresca; não sei se a lisongeio, digo a minha opinião. Demorei-me pouco e não entro em detalhes porque o calor principia e temos

(1) 1852.

(2) Allude-se á epocha de 1816.



de partir quanto antes. Entremos no pateo da estalagem que é uma vasta quadra tapetada de tojo, e cercada de cavallariças. À direita da entrada fica a escada de pedra que vai para o primeiro andar. Subamos. O quarto que se chama *salla dos hospedes*, tem no fundo um armario grande de pau santo; á esquerda janellas para a estrada; e no centro uma banca de pinho, em cima da qual uma galinha exercitada na economia domestica apanha as ultimas migalhas do ultimo almoço. Duas cadeiras com assentos de coiro e pregaria amarella, e dois bancos de troncos de sobreiro, eis o complemento da mobilia.

— Oh! patroa! Queremos almoçar o mais depressa que for possível. — Entrou uma creada mocetona, com as faces rubicundas e os olhos vivos como azogue. Quando lhe vi os braços roliços e a bocca rozada pensei no grande numero de almocreves que passam por Baltar e tremi pela innocencia daquella donzella, que no fim de contas era bem pouco pudica.

— Que almoçam os senhores? — Que pergunta! Tudo quanto houver. — Tudo? — Sim, minha bella Maritornes; pois tantas cousas ha em casa? — Arrede as patinhas.... — Não é pata é mão..... aposto que se fosse algum..... ora vamos, domestique-se; não se fez a tirannia para esses olhos maganos. — Ai! você é tolo? Quer chá ou café? —

Já se vê que a creada tinha virtude, como todas as creadas da estalagem, e eu tratei de respeitá-lha. No entanto do meio do almoço em diante, como se aproximava o momento de pagar, permittiu-nos certas liberdades que não sei até onde iriam, se...

— Queremos ovos fritos, e bifés se ha carne. — Ha de tudo. — Queremos chá que seja bom. Tem manteiga fresca? — Ha de tudo, já disse. — Ha de tudo? pois bem, vou fazer a experiencia. Mande-me assar uma costelleta de vitella na grelha. Ouviu? e não quero os ovos fritos em azeite.

— Sim, meu senhor.

A creada saiu e eu voltei-me para o Francisco M. Diabo! parece que não estamos n'uma hospedaria de provincia! Acreditas na costelleta de vitella? — Eu sei... a creada fallou com tanta segurança.... — Se nos dá a costelleta ganha dois crusados novos. — Pois tens esse apetite? — Não; mas lisongeava-me de comer costelletas de vitella n'uma estalagem do sertão de Portugal. Acreditava na civilisação se tal visse. — Esperemos. — Esperámos.

No fim de meia hora vieram os bifés e os ovos fritos. Provamos: não ha razão de queixa; não os fazem melhor no Porto. Veio o cha, o pão, a manteiga: era tudo excellente. — E a costelleta! — A costelleta? já vem. — Fomos almoçando. A creada sobia e descia tornando-se cada vez mais familiar. Pedi a costelleta fatidica pela quinta ou sexta vez. Apareceu a dona da casa. Tomou uma cadeira, sentou-se e perguntou-nos se o almoço estava á nossa vontade. — Está excellente, mas falta... — Bem sei, a costelleta? — Exactamente. — A nossa patroa tirou da algibeira uma caixa de tartaruga e collocou-a sobre a mesa. — Vem ou não vem? Se não ha, é melhor avizar-nos francamente para nos acautelarmos com os bifés. A estalajadeira pegou na caixa com ar solemne, e olhou para nós em silencio.

— Minha senhora, isto vai-me parecendo historia... eu creio que não existe tal costelleta!... — Ella abriu a caixa e estendeu o braço offerecendo-me com grande dignidade uma pitada de simonte. — Muito obrigado, não gastamos. — Enterrou os dedos no tabaco e carregou o nariz como se fosse um morteiro. Depois fechou a caixa, tornou a collocá-la sobre

a mesa, metteu as mãos nos bolsos do seu avental preto, e começou n'estes termos:

— Meus senhores, pelo que vejo vêem de fora.... do Brazil talvez?... Que alegria vão dar ás suas mãesinhãs; ainda tem pae e mãe? São irmãos os senhores? Ai! Deus os fade bem! que satisfação não é crear os filhos para os ver uns homens assim! Ai! Senhor! o contentamento que terão os seus parentes!... Vão para muito longe? São talvez de Penafiel? O chá está bom? Que bonito cavallo é aquelle castanho!... Não é por me gabar, mas deste chá não se bebe em todo o Portugal, tirando de ser no Porto e aqui! Eu gosto que os meus hospedes fiquem satisfeitos com a minha casa. O seu creado almoça? Oh! Joanna, olha que o creado destes senhores almoça do mesmo que elles comerem. Traz fructa para aqui..... gostam de fructa? Nós temos de tudo; não quero que falte nada aos viajantes, por que enfim elles ajudam-me a viver, e....

O discurso da estalajadeira promettia durar tanto tempo quanto nós lho podessemos ouvir, e por isso, apesar de o achar muito interessante, cortei-o sem cerimonia e gritei pelas costelletas. A estalajadeira começou a chorar. — Que tem, patroa?... minha senhora está incommodada? — Ai! meus filhos, as costelletas são uma historia! — Recuei aterrado; pareceu-me ouvir a voz de um antigo deputado fallando das fabricas nacionaes. — Como assim? mas por que chora? — Se eu não terei razão de chorar! é a primeira vez, ha quinze annos que sou estalajadeira, que vai alguém descontente da minha casa. — Porem quem é que vai descontente? — Os senhores, por causa da costelleta. — Então não as ha com effeito! Eu logo vi... — Não me diga que não ha, clamou a estalajadeira irada, não se costuma dizer isso na minha casa! — Essa é boa! mas não havendo... — Houve, havia, ha e ha de haver! — Deve! repetiu severamente o meu companheiro; não sonegue as formulas commerciaes. N'uma conta corrente põe-se o Deve antes do Haver. Aqui não ha costelletas. logo — Deve. — Ha de haver? A formula está perfeita e nós fomos embaçados.

— Credo! não digam isso! mas não estão satisfeitos? querem mais bifés? querem outra coisa?

— Que mais ha?

— Ha de tudo, tudo quanto pedirem.

— Mande-nos uma costelleta de vitella repetimos nós em coro.

A estalajadeira redobrou de pranto. — Havia uma costelleta fresquissima... era de hontem. Aqui mata-se gado duas vezes na semana. Vai depois e a costelleta estava pendurada no fumeiro, ora o fumeiro tem ao pé o armario grande das panellas, e eu lhe explico por que. Aquelle armario foi feito por meu marido, Deus lhe falle n'alma! meu marido era filho da Bahia onde ha madeiras muito ricas; e quando os senhores foram para o Rio de Janeiro parece que o senhor D. João vi, Deus lhe falle n'alma! tinha levado consigo um carpinteiro que depois foi mandado para o reino com o irmão de Josefa de Queluz. O irmão da Josefa... ai! coitadinho! ninguem sabe para o que veio ao mundo!... A comadre do oiteirinho estava então com o meu tio que eram todos lá das bandas de Lisboa, talvez os senhores ouvissem fallar, da Ribeira de Barcarena? Pois sim senhor, e quando foi depois o barulho que ahi se fez na vinda dos outros...

— Oh! mulher v. mc. obriga-me a ser mal creado! Que demonio tem isso tudo com o haver ou não haver em sua casa o que nós pedimos?



— Tenha paciência, meu senhor, que Deus também a teve. Não é costume sair d'aqui alguém descontente e eu quero provar aos senhores que ninguém teve culpa da falta. Pois como eu ia dizendo o João da Azenha...

— Faça contas. Não temos agora tempo de ouvir as suas historias.

— Mas é que se não ouvem o que succedeu vão desacreditar a minha casa por esse mundo de Christo! — No meio de muitas lamurias a estalajadeira chamou a creada e retirou-se protestando ainda pela sua innocencia, e pedindo-nos que não a julgássemos pelas apparencias. Nós estávamos de bom humor com os seus contos e pela sua originalidade em dizer que havia tudo em casa, embora não houvesse nada. Sahimos e montámos a cavallo. No momento mesmo de partir appareceu-nos a patroa triumphante, com um osso que parecia ter pertencido à costelleta de um animal cuja especie não se podia já determinar. — Eil-a aqui! bradou a boa mulher, bem veem que eu era innocente. Foi aquelle maldito cão do Joaquim da tenda! Mas se o apanho!... espero que não digam mal a minha casa; a costelleta aqui estava mas o barrabás do cão tirou-a da grelha, que está ao pé do armario grande do fumeiro, feito pelo meu marido, que Deus tenha no ceu, quando os senhores foram para o...

No meio da sua verbosidade a estalajadeira chegou-se tão perto de mim que eu pude facilmente deitar a mão ao osso que ella mostrava como documento da existencia da costelleta. Apenas o apanhei conheci claramente que tinha sido despojado da carne haveria seis mezes; estava já branco e polido como um cabo de faca de Guimarães. Dei uma gargalhada e larguei o cavallo a galope no meio das juras e imprecações da minha excellente patroa.

O M. e o nosso creado imitaram o meu exemplo e dentro em pouco perdemos Baltar de vista, e nos embrenhámos pelos frondentes arvoredos que cobrem quasi todo o caminho até proximo a Penafiel.

Se os ministros viajassem no seu paiz talvez houvessem mais estradas e menos precipicios. Devia ser uma das condições da sua estrada no ministerio, mas como elles nunca saem de Lisboa, senão para irem a Cintra, não sabem o que é de perigoso viajar em Portugal. Pelos sitios por onde transitam as suas carruagens é o caminho seguro, que lhes importa pois o resto do paiz? De Baltar a Penafiel precisavam elles viajar constantemente assim como pela maior parte das estradas do Minho, para ver se acudiam áquelles desgraçados povos que não podem sair das terras onde nascem e vivem encravados por falta de estradas. Livrem-se os ministros de que eu seja rei algum dia!

(Continua.)

F. G. DE AMORIM.

## ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

### IX

(Continuação.)

O ceu estava puro, a noite serena, e comtudo as trevas eram tão densas como se grossas nuvens encubrissem as estrellas, que brilhavam com uma luz amortecida como lantejoulas debaixo de um véo d'escumilha preta. De vez em quando sentia-se um rumor surdo, que vinha vindo pelo ar, e que tomava

corpo ao passar pelos cumes das arvores que tremiam como se mão robusta mas invisivel lhes saccudisse os troncos, e lá para Oeste via-se uma pequena nuvem leve e esbranquiçada como um punhado de algodão amarelado. Ondotó observava tudo isto a cavallo no braço da arvore, encostado ao tronco, e encuberto com a folhagem. Assim esteve alguns minutos em observação. Cantaram os galos, ouviram-se ao longe como uns nivos de que a distancia mal deixava perceber os sons, e não consentia que se percebesse que animal os soltava, a não ser que os ouvisse alguma orelha experimentada.

No orizonte apparecia uma riscasinha mais esbranquiçada, que se ia alargando, e avivando mais na orla inferior. Uma cousa branca como uma mortalha animada movia-se em cadencia diante do portão da fortaleza. Era a sentinella, que experimentava um não sei que lhe resfriava o coração diante deste espectáculo, e eil-o que diz: « Ave Maria! hoje não ha de faltar que ver! As onças andam á caça, e temos no ceo grande trovoadas.

Ouvem-se uns passos abaffados, que mais e mais se approximam; um vulto alto assoma na distancia de uns trinta passos, chega perto da arvore onde Ondotó está de atalaia, passa adiante, e segue, segue obliquamente sobre a mão esquerda; já a segunda arvore lhe fica atraz para a direita, aproxima-se da terceira... um rumor desusado ouve-se por entre as folhas agitadas, um silvo agudo atravessa os ares, e um Uiii! prolongado a que se segue um ronco abaffado, como o mugido de um touro como o estertor da morte. A sentinella do portão grita: *As!*... e o medo corta-lhe a voz, que não se ouve *armas*, grito de al'arma, que queria dar e ficou estrangulado na garganta.

A lua erguia-se no entretanto por entre as nuvens que se tinham agrupado em derredor, vermelha como uma grande nodoa de sangue sobre o ceo, e tingiu da mesma cor sinistra os topos das arvores nos baluartes, e na alameda. A isto seguiu-se um silencio profundo como o que a esta hora da noite reina nos cemiterios: a sentinella tinha fugido para dentro do portão, sem atinar a servir-se da espingarda que tinha sobre o hombro, e pezava-lhe como o manduco com que atravessava as ribeiras da ilha de Santiago, mas com os olhos espantados, e na attitude d'um immenso terror, como se quizesse penetrar a escuridão que envolvia a alameda para descobrir que mysterios de horror se estavam praticando á sombra das arvores. O pobre vadio cuidava de si para comsigo que a onça estava devorando algum papel, que apanhou descuidado.

Mais tarde recobrou a serenidade, chamou o cabo da guarda, contou-lhe o que tinha passado; este foi dar parte ao sr. official, que mandou reforçar a sentinella do portão; e esperou-se que amanhecesse para verificar o que tinha dado causa a todo este movimento, que no entretanto o sr. official de si para comsigo attribuia a poltronice do recruta de Cabo Verde; mas não querendo accusar sem provas desejava com ardor a manhã. E devo dizel-o em sua honra, não quiz mais deitar-se, e foi jogar com o cabo uma partida do *berita pau* (1) para passar o tempo até ao dia.

Durante este tempo já Ondotó se tinha retirado, mas despresando, até por prudencia, seguir o mesmo caminho por onde tinha ali vindo; caminhou

(1) É uma especie de jogo, que nem sei bem se se escreve assim, muito usado em Cabo Verde.



Sobre as mãos e os pés mais para a praia, encubrindo-se com a sombra das arvores, e com os tarafes pequenos, que cresciam nas lamas até chegar aonde se levantava um grupo de funcos no local em que hoje se vê a casa que hoje pertence aos herdeiros de Caetano José Norolini; e apenas chegado entranhou-se de novo pelas tortuosas veredas da povoação, e bem depressa ganhou o Pegiquiti, deixou á direita as ruínas do convento dos capuchos, que já conhecemos, mas que agora estavam de todo por terra; e não tardou a avistar a pequena distancia a sua cabana.

Aqui esperava-o uma situação bem terrível. Ia elle despedir-se de Kiangi para começar a sua peregrinação agora duas vezes necessaria: ia buscar nos seus carinhos, nas suas palavras de amor, força, consolação e esperanças; e achou-a prostrada sobre uma esteira, devorada pela febre, acommettida de frequentes insultos nervozos que se succediam uns a outros quasi sem interrupção, e atormentada por um delirio cruel, em que as imagens do que viu, e os terrores do que o seu coração presentia se travavam um terrível combate. A pobre enferma caia umas vezes em prostração total, como se estivesse para exhallar o derradeiro alento, e outros via-se agitada e como possuida por uma força occulta contra que luctava, erguendo os braços e impellindo-os como se quizesse afastar de si um inimigo que a ameaçava; enchia o ar com lugubres gemidos, a que succediam palavras entrecortadas sem ligação, nem sentido algum, ao menos para o papel, que ignorava o que se tinha passado na sua ausencia.

Aquelles gritos ouviam-se ao longe, no silencio da noite; e quando elles feriram os ouvidos de Ondotó, parou olhando para uma e outra parte, como para ver se descubria o ponto donde partiam estes sons, que lhe atravessavam o coração com um golpe tão profundo e tão ferido, como o de ferro das asagaias que lhe pendiam das costas a tiracol. Parou, um não sei que lhe advertiu que alguma grande desgraça o feria, porque apressou o passo, metteu-se á carreira, e já voava para a cabana.

Entrou, e viu Kiangi, como disse, cercada pelas escravas que choravam, em quanto que uma das suas companheiras ao bosque, sentada no chão lhe dava os joelhos em cabeceira. Ondotó viu-a, e de repente de seu rosto desaparecem até ao ultimo vestigio da ferocidade, que ainda ha pouco se lhe notava; a contracção nervosa que lhe repuxava os musculos da cara, e que lhe dava um aspecto satânico, cedeu o lugar a uma tristeza tão profunda que fazia dó vel-o; os olhos humedeceram-se-lhe, e as pernas tremelhicavam, o andar era vacillante e irregular qual o de um homem em perfeito estado de embriaguez; tal como vemos por essas ruas o brutal soldado inglez, quando com a cabeça cheia de vinho, nos dá o espectáculo do que pôde o vicio n'uma alma protestante, que abate o corpo ainda abaixo do mais vil e despresivel animal. É uma observação que peço aos leitores que façam, como eu a tenho feito muitas vezes; olhem para um inglez embriagado, e olhem para um portuguez tambem vergando ao peso d'uma grande bebedeira; não se observa alguma coisa de mais torpe, de mais brutal, de mais nojento, de menos de homem n'uma palavra, na embriaguez do primeiro, do que na do segundo? É que este, no meio do seu vicio, como que se lembra que pecca, redi-sindo-se a menos que um bruto, e affronta assim as leis da religião, e vilipendia a imagem e semelhança de Deus, que lhe concedeu o Creador; e o outro entrega-se sem remorsos a um acto que a sua religião

não condemna, que mesmo auctorisa, deixando-o o juiz soberano de suas acções e de suas crenças religiosas, Confesso que não sei explicar por outro modo a differença que entre os dous tenho sempre achado.

Mal Ondotó viu a sua querida em tão critico estado, ajoelhou perto d'ella, tomou-lhe uma das mãos que apertou com força entre as suas, e sobre ellas pousou a testa, como se esperasse que o fogo que abrasava esta mão por uma derivação possivel absorvesse em si todo o fogo que lhe queimava a cabeça por dentro. O que n'esta posição lhe passou pela idéa não o sei eu, como não o souberam nunca as pessoas que os cercavam a ambos, e que mais tarde contaram a Kiangi o que se tinha passado; mas pôde suppor-se que o estado em que via o charo objecto dos seus amores, a consideração do perigo que esse estado lhe annunciava em sua esposa, o desejo de ficar junto d'ella, e a imperiosa necessidade que tinha de ausentar-se antes que os arreboes da manhã esclarecessem a terra, não deixaram de concorrer muito para esse torpor em que se mostrava quem ainda ha pouco tanta resolução e previdencia deixara ver.

N'este intervallo, um ataque nervoso apodera-se de Kiangi, arrebatada com força a sua mão d'entre as mãos de Ondotó, agita-as no ar, e abrindo-as muito, e parecendo repellir de si com ellas alguma coisa que parece querer approximar-se-lhe, grita: «sangue, sangue! os feiticieiros disseram sangue: e quem o fez cair? ah! desgraçada de mim; e no accesso de seu delirio empurra Ondotó como se n'elle visse aquelle sangue que excitava os seus terrores; e gemendo por algum tempo, diz com voz mal sumida: «meu desgraçado filho, meu Ondotó! oh! não nos matem!»

E caiu de novo em prostração absoluta: e Ondotó chorava, chorava silencioso.

Passam-se assim alguns momentos. O infeliz ergue por fim a cabeça: fita os olhos molhados e enternecidos sobre a desgraça Kiangi, e limpando uma lagrima que ainda corria solitaria ao longo da face, resto de tantas outras, que de balde tinha reprimido, e que vencedoras se abriram caminho, e que talvez conseguiram dar-lhe algum algum allivio mais áquelle coração tão opprimido pelos acontecimentos dessa noite, ergue por fim a mão como se quizesse impor silencio, ergue-se, escuta por algum tempo, e dispondo um beijo na testa da sua Kiangi, sãe precipitadamente da cabana.

A preta sentindo na sua testa o osculo ardente de Ondotó estremece com uma convulsão como se em fluido magnetico lhe percorre todos os membros, e abrindo os olhos procura o esposo por toda a casa, mas já não o vê: e contudo o seu coração não a enganava; elle esteve ali, deu-lhe um beijo, que ella conheceu bem pelos effeitos que nella produziu, e coitadinha! pareceu-lhe que ainda vira a sombra ao atravessar a porta. Então estendendo os braços para essa porta que se cerrava sobre ella gritou com uma voz quasi extinta: Ondotó, não me fujas, espera teu filho, e deixa-me morrer nos teus braços: que te fiz eu?

Ondotó ainda a ouviu; o coração chamava-o para junto della, e chegou mesmo a fazer um movimento, como para voltar atraz, mas um pensamento terrível atravessou-lhe o cerebro, parou, e deitando-se de bruços com a orelha sobre a terra, já uma já outra; ergueu-se precipitadamente e caminhou a diante de si, não sem olhar frequentes vezes para a cabana onde ficava luctando com a morte a mulher que tan-



to amou, que tanto amava ainda, e não sabia se tornaria a vêr mais. Pobre Ondotó!

O que tinha acontecido? O que é que o obrigava a largar a sua cabana áquella hora da noite, quando o gallo acabava apenas de cantar pela segunda vez? As escravas perguntavam-no consigo mesmas, e não sabiam responder. Grossas nuvens tinham-se amontoado no ceo e cubriram com um véo, ao principio pardacento, mas depois negro d'um negrume denso e pesado, a lua, que tinha de assustada recolhido seus raios, e parecia haver fugido para não presenciar a scena que involuntariamente presenciara: os cimos das arvores agitavam-se mais frequente e mais fortemente como se uma vara invisivel açoitasse as suas folhagens; e logo depois tudo ficava silencioso porque o menor sopro não refrescava a atmospheria. Tudo presagiava uma tempestade horrivel.

(Continúa)

Sousa Monteiro.

#### RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(Continuação.)

##### V

Como veio nova ser desbaratado o snr. D. Antonio, e de uma differença do Bispo e Corregedor.

Depois de estar nesta cidade de Angra, e ilha Terceira, e nas mais ilhas, jurado o snr. D. Antonio por rei, e muitos contentes, e alguns descontentes, veio a ter differenças o Bispo com o Corregedor, sobre a prizão de uma Margarida Alvares, de que houve grandes excommunhões, e foi isto parte para o Bispo se ir para a ilha de San Miguel; e, estando lá, veio aqui ter um Simão Cortes, Cavalleiro do habito de Christo, creado do snr. D. Antonio, a pôr cobro de sua parte em sua fazenda, e em outras cousas de que vinha encarregado. E estando nesta cidade veio nova ser desbaratado o snr. D. Antonio em Alcantara, e sair ferido da batalha; e ao Duque de Alva, vencedor, os castellos e fortalezas lhe estavam entregues; e que não havia novas do snr. D. Antonio, antes se dizia que estava na villa de Aveiro, ou na cidade do Porto; o que causou notavel sentimento, e tristeza nos moradores desta ilha, e ilhas de baixo. Em o ditto tempo havia no collegio desta cidade os padres Agdre Glz., Pedro Freire, Balthazar Barreiros, Pedro Georze, e outros, os quaes publicamente diziam ao povo, que se lhe não desse nada do desbaratamento do snr. D. Antonio, por que eram acertados os que estavam com os intentos em El-rei D. Philippe. E nunca o quizeram confessar por rei, e outros muitos da ilha, de que se lhes seguiu os trabalhos que ao diante se dirão.

##### VI

De como veio recado da cidade de Lisboa que se entregassem e dessem obediencia a El-rei D. Philippe.

Estando assim nesta cidade Simão Cortes veio recado dos governadores da cidade de Lisboa a esta, que El-rei D. Philippe estava de posse de Lisboa e todo Portugal, e que lhe dessem obediencia, por que

o snr. D. Antonio era desbaratado, e acolhido de Lisboa. Com isto se poz a cidade em grande alvoroço, e quasi amotinada contra o mensageiro, que parecia ser pessoa de muito respeito. E vendo os que governavam o caso de tanta importancia, e o que relevava haver bom conselho, não se quizeram deliberar nisso, mas vendo o mensageiro ou correio o alvoroço da gente; que não havia mais que matarem-no, dizendo que tanto que tivessem carta do snr. D. Antonio, em que mandasse dessem obediencia a El-rei D. Philippe o faziam, por que o tinham jurado por rei; e como o mensageiro ouvia e via o que se passava, e por segurar sua vida (que teve dita em se ir com ella), se foi sem resposta dos que governavam.

##### VII.

De como mandaram uma caravella saber novas do snr. D. Antonio, e do que aconteceu a João de Bettencourt.

Estando assim a Cidade de Angra, ilha Terceira, e as ilhas de baixo, em muita confusão, por não saberem novas, e o que haviam de fazer, e se determinar o alvoroço do povo (e tornarei logo a este ponto), antes de mandarem a Caravella, apparecendo uma nau, que veio de Indias defronte do porto, e barra d'esta Cidade de Angra, parecendo a um homem fidalgo que atraz tenho nomeado, por nome João de Bettencourt, que a nau que vinha com outro recado sobre se entregar a terra, e que lhe quizeriam atirar das fortalezas; sendo em 29 de settembro dia de San Miguel, o Anjo, se poz em cima de um cavallo, sendo elle muito destro e grande homem de cavallo, com uma lança na mão, e brandindo-a se mettu a correr pela cidade, dizendo *Viva, viva El-rei D. Philippe*; e como era homem nobre e bem quisto no povo, pareceu-lhe que o attraisse na ditto voz, e lhe obedecesse; saio-lhe porém tudo pelo contrario, por que sendo a horas de meio dia se amotinou o povo de tal maneira para o matarem, que lhe conveio descer-se do cavallo, e se mettu numa casa na rua direita, que os donos della lhe não poderam valer; porque com machado lhe quebraram as portas. Valeu-lhe pedir a alguns homens nobres, que acudiram, lhe valessem. Achando-se ahí Diogo de Lemos de Faria, que servia de Alcaide da cidade, entrou com algumas pessoas dentro, e por aquietar o povo lhe disse que fosse preso; e estando o pobre fidalgo sem chapeo lhe mettu na cabeça um o Padre Manuel Alvares; e com espadas nuas o levaram bem affrontado até casa do Corregedor, e d'ahi para a Cadeia; aonde depois, d'ahi a anno e meio, saio a degolar, e foi degolado na praça da cidade de Angra. E com o motim deste fidalgo e alvoroçamento sem tempo e sem ordem, ficou a cidade tão amotinada, que d'ahi por diante tudo era *Viva, viva El-rei D. Antonio*; e esta era a pratica que ordinariamente andava pela cidade e ilha. Vendo o Corregedor, e os mais que governavam, esta inquietação, e por estarem suspensos sem saberem tomar resolução, por não saberem o que era feito do snr. D. Antonio, ordenaram uma caravella, de que era mestre Gaspar Alvares, para ir saber o que d'elle era feito, elegendo para isso Estevam Silveira, cidadão antigo, e ao procurador dos misteres que se chamava Jorge Lopes, e um padre pregador, da Ordem do Serafico padre San Francisco, por nome Fr. Melchior; e tomaram uma caravella de Gaspar Alves e Chichorro, piloto natural desta ilha, e mandaram que fosse ao



Porto, ou Aveiro, ou Buarcos, ou Vianna, saber del-  
le onde estava.

## VIII.

De como a caravella foi e veio em breve tempo.

Partio a caravella do dito Gaspar Alves, o Chichorro, do porto e barra desta cidade de Angra, e elle por piloto e mestre e senhorio della, e com bons marinheiros, naturaes todos desta cidade de Angra, e escolhidos, na entrada de Agosto do anno de 1580. Com o vento prospero chegaram á villa de Aveiro, aonde acharam o snr. D. Antonio em uma cama das feridas que lhe deram na batalha de Alcantara. Foram-se ter com elle, Estevam Silveira, e o Padre Fr. Melchior, e Jorge Lopes, e lhe contaram ao que iam enviados pelos que governavam esta cidade, offerecendo-lhe em nome da cidade, como seus vassallos, pessoas, vidas, e fazendas, e contando-lhe o que era passado. Aos quaes elle abraçou, agradecendo-lhe o amor de bons vassallos, promettendo-lhe a elles muitas mercês, e aos moradores desta ilha, e ilhas de baixo. Estava o snr. D. Antonio com esperanças

de se tornar a restaurar, com a gente que lhe acudia. E negociando os sobreditos se vieram com cartas suas, e chegaram a esta cidade na entrada de outubro. O recebimento, que a cidade e os moradores della fizeram, foi grande, e a cidade ardia com festas. Não podiam os sobreditos, em desembarcando, romperem com gente the chegarem á egreja da Santa Misericordia, que está ao longo do porto. Poz-se o Padre Fr. Melchior no pulpito a dar as novas do snr. D. Antonio, e do successo de sua viagem, estando a egreja e rua que não cabia de gente. E como o dito padre era pregador, e de grande fama, dice grandes cousas e louvores do snr. D. Antonio, animando todos que o sustentassem té morrerem, e no cabo da pratica e pregação dice algumas graças, de que todos riram, e louvaram o dito padre, e levaram-no até o seu mosteiro com grande festa, dizendo *Viva, viva El-rei D. Antonio*. E como já neste tempo havia muitos homens nobres, que lhe não entrava nada no consentimento, e já eram muitos descubertos, andava o povo tão alvorçado que os atentavam com *viva, viva*, e lho faziam dizer sem elles terem vontade.

(Continua)



OS MOCHIOS.

O genero striges comprehende todas as aves de rapina nocturnas, as quaes tem o bico curvado em todo o comprimento, a cabeça grande e achatada verticalmente pela parte anterior e posterior, os olhos grandes e redondos dirigidos para diante e bordados de um circulo de penas finas e rijas, que lhes dão uma apparencia singular; tem os pés todos pennugentos. A muita luz fere os olhos destas aves de modo que expostas á claridade do dia ficam quasi immoveis e fazem gestos ridiculos; as demais aves acodem aos bandos a insultal-as, por maneira que os homens servem-se das corujas ou de suas imagens, como negaça para attrahir os passarinhos.

Todas as striges tem as pennas tão macias que não fazem estrepito quando voam, as azas são curtas e o

voo fraco. Subdividem-se em: 1.º bufos, que tem na cabeça dois martinetes de pennas, entrando neste numero o mocho maior (*Strix scopus*) que é malhado de cinzento, trigueiro e negro; 2.º as corujas verdadeiras sem martinete na cabeça, como o mocho pequeno ordinario (*Strix passerina*), que tem a cor parda com grandes malhas redondas esbranquiçadas, acotta-se nos pardieiros e caça os caracoés, insectos, e tambem ratinhos silvestres e morganhos.

A gente do povo supersticiosamente considera estas aves de mau agouro; no entanto os athenienses veneravam o mocho e o consagraram a Minerva, por isso figura no emblema da Academia real das sciencias, de Lisboa.